



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

Bruno Mirandella/OAB-RJ



A presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basilio, com o novo imortal da ABL, José Roberto de Castro Neves

OAB-RJ prestigia posse de José Roberto de Castro Neves na ABL

A OAB-RJ marcou presença na cerimônia de posse de José Roberto de Castro Neves como mais novo imortal da Academia Brasileira de Letras, na última sexta-feira, 11 de julho. Presidente da Seccional, Ana Tereza Basilio representou a advocacia durante o evento, já que, além de escritor, Castro Neves é advogado e conselheiro da OAB-RJ. No dia 31 de julho, ele será homenageado pela Ordem, na sede da Seccional, no Centro do Rio.

José Roberto de Castro Neves assume a cadeira deixada pelo acadêmico Marcos Vilaça, falecido em março deste ano. Membro da Comissão Nacional de Estudos Constitucionais do Conselho Federal da OAB, professor de Direito Civil na PUC-Rio e na FGV, membro da Academia Brasileira de Letras Jurídicas e da Comissão de Direito Civil do Instituto dos Advogados do Brasil (IAB), ele é autor de 18 livros.

50 anos do DRM-RJ

No dia 15 de julho de 2025, o Departamento de Recursos Minerais do Estado do Rio de Janeiro (DRM-RJ) completa 50 anos. Para marcar o Jubileu de Ouro, o DRM realizará uma programação especial nos dias 14 e 15 de julho, em sua sede, em Niterói, com o tema “DRM 50 anos: pessoas que dão vida à nossa história”.

O evento conta com painéis técnicos, homenagens, exposição de projetos e, no dia 15, um almoço comemorativo reunindo servidores e convidados. Uma celebração da história e do futuro de uma das instituições mais importantes para o desenvolvimento geológico e mineral do estado e do país.



Atual fachada da sede da DRM-RJ; Projeto da obra que está sendo realizada para entregar a nova sede do DRM-RJ em janeiro de 2026



O universo lúdico da cultura popular vai ganhar vida no dia 18 de julho de 2025, às 15h, no Centro Cultural Sesc Quitandinha, com o lançamento do livro *É o dito, bicho!*, escrito pela petropolitana Cristina Ferreira e ilustrado por Rogério Neves. A atividade integra a programação do Festival Sesc de Inverno. Publicado pela Editora Tigrito, o livro mergulha no mundo dos ditados populares e expressões idiomáticas

PINGA-FOGO

O clã Bolsonarista não aprende com os seus erros por se acharem infalíveis!

■ Sabem aqueles 2% que faltaram para reeleger Bolsonaro? Eles poderiam estar no Rio se os erros do Bolsonarismo em 2020 não tivessem entregue a segunda capital do país de bandeja para Lula. Será que o clã do ex-presidente Jair Bolsonaro não aprende com os erros que cometem e a forma que tratam os aliados? O Prefeito Marcelo Crivella tentava a reeleição apoiado no bom desempenho da sua gestão no combate à pandemia. Em um lampejo divino, ele tinha feito uma super compra de material hospitalar na China, inclusive de respiradores. Os contratos foram honrados pelos chineses e em plena pandemia chegaram centenas de respiradores.

■ Crivella precisava do apoio do presidente Bolsonaro e fez de tudo. Entregou a mais importante secretaria ao braço direito de Flávio Bolsonaro, o publicitário Gutemberg Fonseca e depois todo o controle da Publicidade municipal. E o que recebeu em troca? Duas visitas ao Planalto durante as negociações. Nem um centavo foi repassado para ajudar o município.

■ Lula já liberou R\$ 6 bilhões em empréstimos para o Rio na gestão de Eduardo Paes, seu fiel aliado. Bolsonaro não deu um único centavo. Quando Crivella, contrariando o pessimismo dos Bolsonaristas e da própria Universal, que só ajudava em operações trianguladas realizadas no teto do Templo de Salomão, em São Paulo, chegou ao segundo turno, a decepção. Não houve o prometido engajamento do então presidente Jair Bolsonaro. Uma mensagem dúbia, na qual elogiava Crivella, mas dizia que Eduardo Paes era um bom gestor.

■ Crivella deu tudo. Secretaria, carros, cargos, conta de publicidade... Tudo que foi pedido em nome do senador Flávio Bolsonaro. Abandonado pelo grande eleitor da direita, ele perdeu o segundo turno, foi massacrado por uma das maiores injustiças cometidas por uma desembargadora ligada a concessionários da Prefeitura, foi preso, perdeu a mãe e só foi solto quando um ministro do STJ deu ordem de prisão à magistrada, que insistia em descumprir a ordem de soltura expedida pelo presidente da corte superior.

■ Faltavam dias para Crivella encerrar o mandato e o prefeito interino Jorge Felipe, então presidente da Câmara Municipal, foi quem passou a chave da cidade para Eduardo Paes no dia 01 de janeiro.

■ Até neste calvário os Bolsonaristas lavaram as mãos e deixaram Crivella preso e sem solidariedade e apoio. Esta omissão cobrou seu preço em 2022. Lula teve um grande palanque no Rio e o que poderia ser um reduto da direita, trabalhou para fazer o Lula 03.

■ A direita fluminense vive uma crise de dependência que tem feito a alegria do prefeito Eduardo Paes. Ele ganhou em 2020 e depois em 2024 pelos erros de Bolsonaro e agora já manda fazer o terno de posse para 2026, com agradecimentos especiais a Jair, Flávio e Carlos. Eles estão lhe entregando de bandeja, novamente uma eleição majoritária.

■ MUDANÇA DE LEGENDA - Nunca esteve tão próxima a saída do Governador Cláudio Castro do PL. A Federação Progressista, formada pelo União Brasil e Progressistas, colocou tapete vermelho para que ele seja recebido com to-

das as honras. A conversa com o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, pode ter clima de despedida. O deputado Altineu Côrtes, que tem sido impe-cável no trato com Castro, está atuando como bombeiro.

■ UNIÃO SEM CONSTRANGIMENTO - Se Cláudio Castro entrar para o Progressistas ou para o União Brasil, não causará espanto se o Prefeito Eduardo Paes for almoçar com ele no Laranjeiras. Este é o convite dos sonhos que o alcaide espera receber. O diálogo de Dr. Luizinho e Rueda com Paes é excelente e, com Castro, os dois voltam a ser velhos amigos de infância rapidamente.

■ VICE DOS SONHOS - O prefeito de Campos, Wladimir Garotinho, tem sido o vice dos sonhos de vários pré-candidatos a Governador. O rapaz nunca teve o seu nome tão lembrado. Até a turma de Eduardo Paes defende o seu nome.

■ DINO DE OLHO EM WASHINGTON - O ministro Flávio Dino está com olhar duplo sobre Washington. O Distrito Federal Americano, onde vive Trump; e acompanhando, com lupa, os últimos movimentos da política do Rio com os afagos do outro Washington, o Reis, ao ex-presidente Bolsonaro, no seu sonho declarado de ser governador. Ele tem sido informado pelo seu fiel amigo Ricardo Cappelli, carioca e profundo conhecedor da política fluminense. O barulho feito por Mr King nos últimos dias é do tipo: se eu não jogar, ninguém mais joga. Cada dia fica difícil a reversão da sua ineligibilidade.

■ UM GOVERNADOR MERECE RESPEITO - A megalomania de Eduardo Bolsonaro em pilotar o contra-ataque do império contra o Brasil tem sido tão grande que o levou a dar um pito público no Governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, ao afirmar: “É um desrespeito comigo!”, criticando a tentativa do chefe do executivo do maior estado brasileiro, em tentar um diálogo para salvar as empresas paulistas. “É assim que se trata o Governador de São Paulo? O que este rapaz acha? O inquilino do Bandeirantes não é seu servçal”, afirma um ex-secretário de João Dória indignado. Em tempo: a licença de Eduardo Bolsonaro vence domingo e ele terá de retornar ou se deixar cassar por falta.

■ NO OLHO DO FURACÃO - Tem deputado estadual licenciado e ocupante do primeiro escalão pensando seriamente em reassumir o seu mandato para voltar à Assembleia Legislativa Estadual do Rio (Alerj).

■ O momento não é para ficar longe do jogo político do legislativo.

■ CAIADO NA ESPREITA - Quem está assistindo de camarote toda a confusão da direita, o bate cabeça do clã do Bolsonaro com os governadores, especialmente com Tarcísio de Freitas, é o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, que entra em fase de aquecimento. Ele será o maior vozeirão em defesa do agro, o setor mais prejudicado pelas taxas americanas. Ele volta ao passado como ex-presidente da União Democrática Ruralista. Ele é sempre lembrado quando se afirma que a direita brasileira precisa ser reinventada. Neste caso, o que não falta ao governador é DNA histórico.

Fernando Molica

Tarcísio de Freitas e as pernas trocadas de Jânio Quadros

Uma clássica foto de Jânio Quadros ajuda a ilustrar as idas e vindas do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), no caso do tarifaço imposto por Donald Trump.

A imagem, feita pelo fotógrafo Erno Schneider, traduzia as incoerências do então presidente da República — cada uma das pernas do político apontava para uma direção diferente.

Assim como Jânio ao longo de seus sete meses de governo — renunçaria em agosto de 1961 —, Tarcísio demonstra não saber bem para onde ir desde que Trump resolveu fazer o Brasil de refém.

O governador ora embarca no coro que responsabiliza o governo brasileiro pela chantagem norte-americana, ora prioriza os interesses do

empresariado paulista, o mais prejudicado pelas medidas anunciadas.

Há muito tempo que Tarcísio, pré-candidato não declarado à Presidência, vinha tentando um equilíbrio impossível entre o radicalismo bolsonarista — que exige uma fidelidade total e absoluta de seus aliados — e uma certa racionalidade pregada pela elite do empresariado, a que ressalta o discurso liberal desde que sejam mantidas as tradicionais benesses estatais.

Ele buscava conciliar a fidelidade ao seu padrinho político, Jair Bolsonaro, com a construção de uma imagem própria, a de um administrador moderno, afinado com princípios mais razoáveis do conservadorismo. Assim, acendia uma vela para o capitalismo privatista e orava no altar erguido para clamar pela liberdade dos golpistas.

A aposta no precário equilíbrio ti-

nha o objetivo de, ao mesmo tempo, garantir os essenciais votos bolsonaristas e o apoio de uma elite econômica infiltrada no Congresso pelas artérias que irrigam os partidos do Centrão. Tarcísio, então, tratou de dançar o bolero na base de passos incertos pra lá e pra cá.

Assinava acordos com o presidente Lula e ia — de azul, não de amarelo bolsonarista — a manifestações na Avenida Paulista. Seus passos, volta e meia contraditórios, geravam críticas dos dois lados; era visto como radical pela direita mais chegada ao centro e como moderado pelos carcerás bolsonaristas. Mas ele conseguia serguir em frente.

A crise gerada por Trump entornou o caldo e reforçou um ponto fundamental, que o governador fingia não ver: o clã Bolsonaro se move quase exclusivamente por seus próprios interesses; na hora de a ema tomar cloro-

quina, seus representantes desprezam questões mais amplas, relacionadas a visões de país. Nesses últimos meses, a família tem demonstrado apenas a preocupação de evitar que o ex-presidente seja preso.

Tarcísio sabe que as críticas de Trump vão muito além das questões judiciais que ameaçam Bolsonaro e restringem abusos de grandes plataformas da internet; sabe que o grande problema ameaça está relacionado ao fortalecimento de um bloco econômico independente, que tem o Brasil como destaque e a China no alto do pódio.

Sabe também que o pagamento do resgate que, segundo os Bolsonaros, é exigido por Trump — a anistia ampla aos golpistas — seria humilhante para o Brasil e não resolveria a questão fundamental. Como governador, ele precisa defender os interesses de seu esta-

do, o que passa pelo estabelecimento de conversas com o governo federal e exportadores.

Assustado com a repercussão negativa de seu aval a Trump, ele tentou um voo solo, encontrou-se com o representante dos Estados Unidos no Brasil, e apanhou muito dos bolsonaristas, tudo que eles não querem é uma saída que exclua a impunidade do chefe do clã. Exigem que Tarcísio bote o boné trumpista de volta no mesmo lugar.

Como na piada do meio futebolístico, Tarcísio fez que ia, não foi — e acabou “fondo”. Na ressaca das críticas do empresariado e do bolsonarismo, deixou de olhar pra frente, trançou as pernas, confundiu as direções — e corre o sério risco de tomar um tombo. Demonstra ter esquecido um velho ditado de sua terra natal: malandro demais se atrapalha.